

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL
CURSO DE HISTÓRIA**

**CENTENÁRIO DO "TIME DO POVO": HISTÓRIA, MEMÓRIA E O
MARKETING ESPORTIVO DO CRUZEIRO ESPORTE CLUBE (2021)**

Maria Eduarda Cavichioli da Silva

**ITUIUTABA/MG
2024**

MARIA EDUARDA CAVICHIOLI DA SILVA

**CENTENÁRIO DO "TIME DO POVO": HISTÓRIA, MEMÓRIA E O MARKETING
ESPORTIVO DO CRUZEIRO ESPORTE CLUBE (2021)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História, Licenciatura e Bacharelado, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de licenciado e bacharel em História.

Orientadora: Prof.^a Dra.^a Carla Drielly dos Santos Teixeira

ITUIUTABA
2024

MARIA EDUARDA CAVICHIOLI DA SILVA

**CENTENÁRIO DO "TIME DO POVO": HISTÓRIA, MEMÓRIA E O MARKETING
ESPORTIVO DO CRUZEIRO ESPORTE CLUBE (2021)**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
História, Licenciatura e Bacharelado, do
Instituto de Ciências Humanas do Pontal da
Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito para obtenção do título de
licenciado e bacharel em História.**

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof.^a Dra.^a Carla Drielly dos Santos Teixeira

Membro da banca

Prof. Dr. Giliard da Silva Prado

Membro da banca

Prof.^a Dr.^a Livia Gonçalves Magalhães

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha mãe, Cinthia. Se eu estou me formando, é graças a você. Obrigada por nunca ter desistido de mim, mesmo quando eu mesma pensei em desistir. Obrigada por me dar a segurança de que tanto precisava e por sempre me dizer que tudo daria certo – e deu! Gostaria também de agradecer meu irmão, Pedro, que sempre esteve comigo, você é o meu maior orgulho.

Aos meus avós, Maria e Romualdo, que sempre me cercaram de carinho e apoio. Em especial, ao meu avô, que compartilhou comigo seu amor pelo futebol e pelo Santos Futebol Clube. Algumas das minhas melhores lembranças são ao seu lado, assistindo aos jogos. Obrigada, nono!

Ao meu pai, Joaquim, agradeço por sempre me estimular a pensar, a questionar e a observar o mundo de outra maneira. Obrigada por todas as conversas sobre política, música e história, se escolhi ser historiadora, você tem grande parte nisso. Ao meu padrinho, Brexó, agradeço toda a preocupação, amor e cuidado.

Agradeço à toda a minha família. Sou abençoada por ter pessoas especiais, de sangue ou de coração, que posso chamar de família. Não serei capaz de citar cada nome nesse pequeno agradecimento, mas minha gratidão se estende a todos que, de uma maneira, ou de outra, me ajudaram nessa trajetória. Tios, tias, primos, primas e amigos da família, amo todos vocês.

Aos meus amigos de Itu – Clara, Eduardo, Giovana, Gustavo, Karine, Letícia, Lívia, João e Vitor -, obrigada por continuarem sendo sempre minha casa, é lindo saber que sempre posso voltar para vocês.

Agradeço todos que fizeram parte da minha vida universitária. Aos meus amigos da graduação - Adriel, André, Letícia, Lorrayne, Maria Brenda, Maria Eduarda Tozelli, Mariana, Marina, Theo e todos os outros -, agradeço a companhia em cada aula, em cada fofoca nas mesinhas do bloco D, pelos dias inteiros na UFU e por toda a ajuda compartilhada. Em especial, agradeço à Mariana, com quem dividi a casa e a vida nos últimos três anos. E à Maria Brenda e à Maria Eduarda por todo o amor. Obrigada por estarem ao meu lado todos os dias e por nunca me deixarem sozinha. Amo vocês, obrigada por serem minha família.

Obrigada ao Maurício, não apenas pela oportunidade de ser sua monitora, mas, sobretudo, pela amizade que construímos. Não consigo mensurar todo o aprendizado

que essa amizade me deu, levarei para sempre comigo. Agradeço também à sua mãe, Elizangela. Amo vocês.

Ao Professor Doutor Wellington Amarante Oliveira, agradeço a oportunidade de pesquisar o futebol. Obrigada por toda a ajuda e orientação. E à minha orientadora Professora Doutora Carla Drielly dos Santos Teixeira, que mesmo em pouco tempo, me ensinou muito. Estendo meu agradecimento a todo o corpo docente do curso de graduação em História do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que me capacitaram como graduanda.

Acredito profundamente que a vida acontece em comunidade. Dessa maneira, reconheço que é em grupo que crescemos. Eu sou porque nós somos. Por isso, sou grata a todos.

E, por fim, agradeço ao futebol, a mais bela forma de expressão e de amor.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o uso da ideia e do título de “time do povo” durante o centenário do Cruzeiro Esporte Clube, em 2021. Como forma de celebração da efeméride, foram publicados dois materiais comemorativos, o documentário “*Em busca da história do Cruzeiro*” e o livro “*De Palestra a Cruzeiro – Edição Centenário*”, que construíram narrativas oficiais do clube como o “time do povo” de Minas Gerais. Procura-se então analisar o embasamento dessas narrativas produzidas, além de problematizá-las associando o passado com o presente do clube através da perspectiva da memória e do marketing esportivo do Cruzeiro.

Palavras-chave: Futebol; História do Futebol; Time do povo; Cruzeiro Esporte Clube.

INTRODUÇÃO

O Cruzeiro Esporte Clube comemorou 100 anos de história no dia 2 de janeiro de 2021 e como forma de comemoração lançou dois materiais que contam a história do clube, o documentário “*Em busca da história do Cruzeiro*” (2021) e o livro “*De Palestra a Cruzeiro – Edição Centenário*” (2022). A partir de uma primeira análise dessas fontes, chamou a atenção o fato de que ambas produziam narrativas completamente nostálgicas sobre a origem do clube e apresentavam um forte orgulho italiano, além de se intitular, diretamente, ou indiretamente, como “time do povo”. No entanto, isso se difere do senso comum, que possui uma visão de que o Club Atlético Mineiro, o maior rival do Cruzeiro, que usufruía da designação de time popular no estado de Minas Gerais.

Após a realização de pesquisas, foi possível identificar que o envolvimento do Cruzeiro na disputa pela posição de “time do povo” em Minas Gerais teve início a partir de um episódio envolvendo o vice-presidente de futebol do clube, Bruno Vicintin. Entre jogadas de marketing e discussões no meio do futebol, o Cruzeiro, em 2021, ano de seu centenário, apossou-se do título ao escrever sua história oficial. Dessa maneira, como forma de reafirmar sua origem e sua história de glórias e conquistas, o Cruzeiro Esporte Clube publicou os dois materiais comemorativos.

Através de três perspectivas de análise, foi realizada uma problematização do uso do título “time do povo” utilizado pelo Cruzeiro, entendendo-o a partir da questão

do marketing e da identidade organizacional, além de ancorar-se nas categorias de análise de memória e de identidade no campo da historiografia.

Dessa maneira, esta pesquisa busca analisar o livro e o documentário como fontes da história oficial do clube, que criam narrativas e reafirmam o Cruzeiro como o “time do povo” de Belo Horizonte através, principalmente, da história de sua fundação. Nesse sentido, se faz necessário entender a origem do clube, que possuiu “Società Sportiva Palestra Italia” como primeiro nome, um time fundado por italianos e descendentes que se instalaram em Belo Horizonte com o objetivo de ajudar a construir a mais nova capital mineira. Além disso, para situar a pesquisa no campo historiográfico, é proposta inicialmente uma discussão bibliográfica sobre a historiografia do futebol.

A HISTORIOGRAFIA DO FUTEBOL

A historiografia do futebol realizada no Brasil aumentou gradativamente nas últimas décadas, sendo considerada recente por muitos historiadores. Sobre esse esporte, que é encarado como “a grande paixão nacional”, Luiz Carlos Ribeiro diz que:

O fato é que o futebol, muito antes de se tornar um tema de interesse das ciências sociais e políticas, era já um fenômeno de presença significativa na vida das pessoas. Antes que a academia constituísse a sua narrativa científica, o jornalismo esportivo e a produção não acadêmica dos memorialistas já haviam construído um vasto saber sobre tal esporte (Ribeiro, 2012, p. 16).

Ribeiro (2012) ainda aponta que o futebol só encontrou espaço na academia a partir do momento que os cientistas sociais começaram a vê-lo como objeto de pesquisa. Esse momento aconteceu quando a Sociologia começou a buscar a quebra de seus paradigmas. Inicia-se então o processo de interdisciplinaridade entre o futebol e outros campos, sendo o primeiro a Educação Física, que, por conta da sua carência teórica, desenvolveu os estudos do futebol de maneira descritiva, afastando-se da criticidade. Posteriormente, destaca-se então a História:

[...] uma disciplina marcada por lugares consolidados de poder. Uma velha senhora ciosa de suas teorias, fontes, métodos e esquemas explicadores que, mesmo com o desmoronamento de seus paradigmas, resistiu – e ainda resiste – ao ingresso do novo sócio ao clube (Ribeiro, 2012, p. 17).

Por ser considerado um assunto ínfimo no campo científico, o futebol se deparou com a resistência da historiografia brasileira. Tarcísio Serpa Normando (2006), explica que o futebol, por essa inferiorização, em relação a outros objetos da História, obteve mínima atenção e importância, e que mesmo entre os historiadores que defendiam disciplinas voltadas para áreas menos tradicionais, era notório uma certa indiferença com esse campo.

Segundo Ribeiro (2012), a Antropologia, diferentemente da História e da Sociologia, se debruçava sobre a crítica cultural, abrindo-se para pesquisas sobre os temas vistos como secundários, tais como os novos movimentos sociais, o carnaval, a festa, a malandragem e o futebol.

Entretanto, a partir da década de 1960, uma nova perspectiva historiográfica provocou a imersão do futebol nas pesquisas científicas. Nesse sentido, a História Social, “na medida em que se firmava, foi quebrando tabus intelectuais e amalhando temáticas até então pouco atraentes para outras correntes interpretativas” (Normando, 2006, p. 7). Para Tarcísio Serpa Normando, a História Social, a partir dos *Annales*, se aproximou da Antropologia Social e da Sociologia, possibilitando análises de comportamento e às relações entre os divergentes grupos sociais.

De todo modo, é apenas a partir do final da década de 1970 e, principalmente, na década de 1980, que o futebol encontra o fortalecimento no campo efetivo da ciência crítica. Ribeiro (2012) aponta que através desse contexto em que vários campos científicos como a Psicologia, Economia, Comunicação Social, a Sociologia e a Antropologia se mobilizam nos estudos sobre esse fenômeno:

O futebol deixa de ser um objeto invisível. O mundo passou a olhar para o futebol e a percebê-lo como um fenômeno social difuso, aparentemente sem caráter de classe ou com interesses políticos conhecidos. Uma atividade marginal, até então restrita a machos beberrões, mas que agora se inscrevia de forma significativa na sociedade global (Ribeiro, 2012. p. 28).

Entre as principais obras iniciais escritas nesse período por historiadores, destacam-se o artigo “Na Confederação Brasileira de Desportos (CBD) até o papagaio bate continência”, escrito por Joel Rufino dos Santos publicado em 1978 na revista *Encontros com a Civilização Brasileira* e o livro *História Política do Futebol Brasileiro* publicada em 1981 pelo mesmo autor. Nessa última obra, Joel Rufino “[...] creditava boa parte das mazelas do esporte exclusivamente ao regime autoritário, ao

passo que a democracia que se aproximava era saudada como o momento em que tais problemas seriam resolvidos” (Drumond e Santos, 2013, p. 27). Além de realizar uma releitura – pouco crítica - da obra *O negro no futebol brasileiro* (1947) de Mario Filho, obra de referência que ainda hoje marca a identidade do futebol no Brasil.

Em 1982 acontece a publicação de duas importantes coletâneas, a obra *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira* e a obra *O Futebol e cultura: coletânea de estudos*. O *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, foi organizado por Roberto DaMatta, que conduziu a equipe de antropólogos do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro que produziram a obra. Entre os antropólogos, há a presença de uma única mulher, a pesquisadora Simoni Lahud Guedes, pioneira nos estudos sobre futebol nas Ciências Sociais no Brasil. A obra *Futebol e cultura: coletânea de estudos* foi organizada por José Carlos Sebe Bom Meihy e José Sebastião Witter e patrocinada pela Secretaria de Estado de Cultura. Segundo Drumond e Santos (2013), a obra *Futebol e cultura: coletânea de estudos* é, talvez, a primeira em que o futebol é estudado por acadêmicos do campo da história.

Um dos textos fundamentais da coletânea é a introdução de José Carlos Sebe Bom Meihy, “Para que serve o futebol”. O autor afirma que o futebol é um fenômeno histórico complexo e “exige um cuidado analítico que extrapole os limites da crônica ou das seguidas reelaborações dos pressupostos ideológicos de autores como Gilberto Freyre”.³² O texto continua tecendo uma dura crítica àqueles que procuraram ao longo da história usar o futebol para significar o povo brasileiro “incruento, malandrinho, gracioso e democrata”, por isso, indeciso (Drumond e Santos, 2013, p. 28).

Desse modo, Meihy (1982) exigiu, através da sua introdução, que o futebol fosse de fato explicado, algo que começa a acontecer progressivamente na produção historiográfica sobre o tema. A década de 1990 inicia-se então com outras duas importantes obras que abriram horizontes na academia, sendo elas *O que é futebol* por J. Witter e *O Pontapé Inicial - Memória do Futebol Brasileiro* do sociólogo Waldenyr Caldas. Esta última obra é resultado de estudos da livre-docência do autor, representando um avanço ao publicizar o resultado de uma pesquisa de pós-graduação. Ainda que seja um trabalho do campo da Sociologia, *O Pontapé Inicial* “[...] faz um percurso de recuperação, no tempo e no espaço, dos agentes responsáveis pela implementação do futebol profissional na região sudeste do Brasil” (NORMANDO, 2003, p. 9), especificamente sobre as representações oficiais dos times do Rio de Janeiro e de São Paulo e suas tensões políticas.

Em 1994, logo após a conquista da Copa do Mundo pela Seleção Brasileira de Futebol, era publicada a edição número 22 da Revista USP, intitulada *Dossiê Futebol*. Essa obra mobilizou a discussão de diversos intelectuais, como Roberto DaMatta, Décio de Almeida Prado, Nicolau Sevcenko, Waldenir Caldas, José Sérgio Leite Lopes, Francisco Costa, Luiz Henrique de Toledo e Fátima Martin Rodrigues Ferreira, sobre diversos assuntos, como “a violência das torcidas, a inserção histórica, a relação entre a prática futebolística codificada (futebol oficial) e a espontânea (pelada), a imprensa esportiva” (Normando, 2003, p. 10). Destaca-se o artigo *Futebol metrópoles e desatinos* de Sevcenko, que se tornou um clássico na área e *A vitória do futebol que incorporou a pelada* de José Sérgio Leite Lopes, que releu as teses de Mario Filho.

Ainda em 1994, foi publicado a primeira edição da revista *Pesquisa de Campo*, realizada pelo extinto Núcleo Permanente de Estudos de Sociologia do Futebol do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Em 1999, a revista *Estudos Históricos* da Fundação Getúlio Vargas, publicou seu número 23 dedicado ao tema Esporte e Lazer:

[...] na qual mais da metade dos textos trata do futebol. Esta obra, entretanto, fornece espaço para divulgar as recentes pesquisas de estudiosos com relativa visibilidade nacional - ao menos até aquele momento. As discussões giram desde a análise da identidade do torcedor regional/nacional até a invenção de tradições nos campos de futebol. Além do alargamento teórico-metodológico sedimentado na última década do XX, é inegável que a conquista do tetracampeonato mundial reavivou os interesses comerciais sobre o esporte, o que possibilitou que muitos estudos - na verdade, pesquisas gestadas ao longo de anos - viessem à tona com uma distribuição e divulgação mais eficiente. Mais do que isso, na verdade, permitiu um espraiamento do tema para camadas sociais e faixas etárias bastante amplas, algo facilmente constatável pelos catálogos de editoras e livrarias (Normando, 2003, p. 10).

Entrando no atual século, o livro de referência e muito utilizado nos estudos sobre a história do futebol no Brasil é o *Footballmania*, publicado em 2000 por Leonardo Pereira. A obra aborda a História Social do Futebol no Rio de Janeiro, apresentando “aspectos positivos e um avanço metodológico inegável, como o uso de vários tipos de fontes, para além dos periódicos” (Drumond e Santos, 2013, p. 30). Destaca-se também a criação de revistas destinadas para esse campo, como a Record – Revista de História do Esporte em 2008, vinculada ao Programa de Pós-

Graduação em História Comparada da UFRJ, ao grupo Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer.

No entanto, podemos considerar a produção brasileira ainda distante pela grande visibilidade que o tema possui no país, mas que houve um grande aumento em relação a década passada. Porém, como analisado, a concentração dos estudos desenvolveu-se e se desenvolve ainda em sua maioria no eixo Rio-São Paulo. Um estudo realizado por Sérgio Settani Giglio e Enrico Spaggiari aponta que entre 1990 e 2009, a produção de trabalhos de Mestrado e Doutorado no Brasil sobre futebol, foi centralizado em um pouco mais de 50% nas Universidades dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Outro dado interessante da pesquisa, mostra que de 27 áreas mapeadas, a História fica em 3º lugar com mais trabalhos publicados sobre futebol na pós-graduação, ficando atrás da Educação Física (83 obras) e das Ciências Sociais (69 obras).

Junto com o novo século, o futebol como objeto das ciências humanas efetivamente ganhou mais notoriedade, sendo abordado e analisado em inúmeros trabalhos sólidos e de referência dentro da produção acadêmica e editorial. Desse modo, outros autores e obras poderiam aqui ser citados, como o livro *Veneno Remédio* (2008) de José Miguel Wisnik, que traçando um diálogo com a Sociologia e a Antropologia, realiza uma análise sobre o que acontece dentro do campo de futebol.

Outro autor de destaque é Hilário Franco Júnior, especialista em Idade Média, mas que lança em 2007 a sua obra inicial sobre a História Social do futebol, o livro *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. Nessa obra, o autor analisa a partir do ponto de vista histórico, como o futebol não pode ser dissociado da história geral das civilizações, realizando também uma análise do esporte como uma metáfora sociológica, antropológica, religiosa, psicológica e linguística. Em 2017, Hilário Franco Júnior lança sua segunda obra sobre o tema, *Dando tratos à bola*, livro de ensaios que aborda aspectos sociais e culturais do esporte. Na área de ensino de história, há o livro *Histórias do Futebol* publicado em 2010 e de autoria de Livia Gonçalves Magalhães, que aborda o uso de fontes históricas sobre futebol em sala de aula.

Ao tratar sobre a produção e divulgação científica do futebol, é imprescindível falar do Instituto Ludopédio¹. Criado em 2009 pelos pesquisadores Sérgio Settani Giglio, Enrico Spaggiari, Marco Antunes de Lima e Paulo Miranda Favero, representa

¹ Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/>>. Acesso em: 30 out. 24.

o principal site de divulgação científica sobre futebol no Brasil. Com o intuito de difundir o conhecimento sobre o esporte, o site atua como um repositório de publicações acadêmicas nacionais e internacionais, contando com colaboradores que produzem conteúdos sobre a questão política do futebol. Em comemoração aos dez anos de existência, o instituto lançou a Editora Ludopédio, que possui o objetivo de levar o conhecimento para além das universidades, democratizando o campo de estudo e lutando contra os desconhecimentos que o cerca.

O Ludopédio possibilitou também uma maior visibilidade sobre o futebol de mulheres², o site possui a seção “#Poroutrofutebol Mulheres” que disponibiliza produções acadêmicas, notícias e *podcasts* sobre mulheres no esporte. Sobre o futebol feminino, temos um avanço de pesquisas acadêmicas, mas livros são poucos os publicados. Uma das principais pesquisadoras sobre o futebol feminino é Aira Fernandes Bonfim, que publicou em 2023 o livro *Futebol feminino no Brasil: Entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)* fruto do seu mestrado em História, Política e Bens Culturais pela FGV. Outro livro publicado sobre o futebol de mulheres é *Futebol de mulheres no Brasil: Desafios para as políticas públicas*, publicado em 2020 pelas organizadoras Ileana Wenez e Mariana Zuaneti Martins.

Também deve ser ressaltado as produções científicas que foram publicadas a partir da escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo da FIFA de 2014. O próprio site do Ludopédio apresenta diversos resultados quando se pesquisa “Copa do Mundo de 2014”, entre eles teses, dissertações, monografias, artigos etc., das mais diferentes áreas e perspectivas de análise. A Copa do Mundo, sendo o maior evento de futebol, historicamente influencia diretamente a produção de pesquisas sobre o tema. Assim como aconteceu um crescimento de pesquisas na década de 1950 com a primeira Copa no Brasil, a Copa de 2014 não foi diferente, servindo como fonte para diversas publicações, principalmente na área da comunicação social e economia.

De todo modo, devemos olhar o avanço dos estudos de futebol no campo das Ciências Humanas e principalmente da História, que aos poucos, ocupa cada vez mais espaço, pois como afirma Hilário Franco Júnior:

A inclinação dos estudos atuais a privilegiarem as conexões entre futebol e sociedade significa reconhecimento de que não é possível entendê-lo, das origens até hoje, sem o historicizar (Júnior, 2017 p. 416).

² Pela falta de conhecimento de referencial bibliográfico, não foi possível realizar um panorama sobre a historiografia do futebol feminino.

Nesse sentido, ao analisar esta produção bibliográfica, compreendemos o caminho que o estudo sobre futebol percorreu até se definir como campo de pesquisa na História, além da importância de sua articulação com o meio social, cultural e político. Embora tenha havido um avanço, as principais obras que possuem mais reconhecimento, tanto no âmbito nacional, como no internacional, ainda são aquelas produzidas no eixo Rio-São Paulo, visto que possuem uma tradição maior, principalmente nas universidades desses estados.

Desse modo, a produção historiográfica sobre o futebol em outras localidades do país se manteve marginalizada. Dias. *et. al.* (2014, p. 68) argumenta que o desenvolvimento de pesquisas em regiões fora das maiores cidades do País sofre com a dificuldade de localizar arquivos e vestígios do passado esportivo. Então, quando se fala da historiografia do futebol mineiro, encontramos esse problema, pois além do estado se localizar fora do eixo Rio-São Paulo, a maior concentração de pesquisas sobre o esporte se mantém sobre sua capital, Belo Horizonte.

A maioria das pesquisas produzidas sobre o futebol no interior de Minas Gerais são vinculados ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Como exemplo, o trabalho “História do Futebol em Minas Gerais” (2014) publicado na *Tempos Gerais - Revista de Ciências Sociais e História – UFSJ*, que analisa a história do futebol em Belo Horizonte, Triângulo Mineiro e Montes Claros e o trabalho “A bola entre a capital e o interior de Minas Gerais: uma triangulação histórica possível” (2016) publicado nos anais do *II Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer*. Ambas as pesquisas são de autoria de Cleber Dias, Georgino Jorge de Souza Neto, Igor Maciel da Silva e Sarah Soutto Mayor, professor e alunos do Programa, respectivamente.

Sobre o futebol no Oeste de Minas e nos sertões mineiros, diversos textos foram publicados pelo historiador Daniel Venâncio, Doutor em Estudos do Lazer pelo mesmo Programa. Em 2012 a editora UFMG publicou o livro *O futebol nas Gerais*, organizado pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcida (GEFuT), a obra reuniu textos de pesquisadores que estudaram o futebol mineiro nas mais diferentes dimensões. Os textos presentes no livro foram desenvolvidos principalmente no Programa Interdisciplinar de Mestrado em Lazer da UFMG, mas também em outros programas da Universidade, além de pesquisas em parceria com a extinta Secretaria

Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer (SNDEL), do Ministério dos Esportes.

Sobre o futebol em Belo Horizonte, a quantidade de pesquisas historiográficas é mais ampla, isso também se deve ao fato de que os três maiores clubes do estado são da capital, o Cruzeiro Esporte Clube, o Clube Atlético Mineiro e o América Futebol Clube. Várias teses, dissertações e monografias foram publicadas sobre a história do futebol na cidade, abarcando as mais diversas temáticas e recortes temporais. Tais trabalhos não se restringem apenas às produções da UFMG, mesmo sendo a que mais produz, principalmente pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer e pelo Núcleo de estudos sobre futebol, linguagem e artes (FULIA/UFMG), pois em outras universidades do Estado também são produzidos estudos sobre os clubes de Belo Horizonte.

No entanto, poucos livros foram publicados na área. Em 2014 foi lançado o livro *Belo Horizonte FC: trajetórias do futebol na capital mineira*, organizado por Leônidas José de Oliveira, quando era presidente da Fundação Municipal de Cultura. A obra contém sete textos de diferentes autores que abordam aspectos históricos, sociais e da memória do futebol na capital. Entre os autores temos o Doutor em História Raphael Rajão Ribeiro, que em 2018 lançou o livro *A bola, as ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*, uma obra que analisa o início do futebol na capital mineira, desde a fundação do primeiro clube da cidade, o Sport Club Foot-Ball, até o ano que o Cruzeiro Esporte Clube, na época Palestra Itália, é fundado.

A historiografia sobre o Cruzeiro, presente intrinsecamente na historiografia de Belo Horizonte, é escrita através de diversas produções acadêmicas, em sua maioria por historiadores de universidades do Estado, além de dezenas de livros publicados por amantes do clube e jornalistas. Muitas são as pesquisas que estudam o Cruzeiro, das mais diversas áreas, campos e abordagens. A história do Cruzeiro foi, e segue, sendo escrita por diversas mãos, sendo as de Plínio Barreto consideradas as principais dentre elas. Plínio Barreto foi jornalista, cronista, escritor, e, segundo o próprio clube, o maior pesquisador e divulgador da história do Palestra/Cruzeiro, lançou em 2000 o livro *De Palestra a Cruzeiro*, a mais célebre obra publicada sobre a Instituição.

Em 2022 uma nova edição foi lançada pelo Cruzeiro em comemoração ao centenário do clube, organizada por Luiz Otávio Tropa Barreto, filho de Plínio Barreto,

intitulada de *De Palestra a Cruzeiro – Edição Centenário*. A nova edição, que apresenta um material histórico grandioso, contou com o livro *O Time do Povo Mineiro: um olhar para os próximos 100 anos* (2021) como referência bibliográfica. Organizada por Gladstone Leonel Júnior, a obra, que discute a sociabilidade no futebol, conta com a colaboração de diversos pesquisadores, incluindo o historiador Doutor Geovano Moreira Chaves.

No mesmo ano, no qual o clube comemorou a efeméride, o documentário “*Em busca da história do Cruzeiro*” é lançado. O média-metragem foi dirigido por André Amparo e Gustavo Nolasco, que também é autor de textos presentes no livro “*De Palestra a Cruzeiro – Edição Centenário*”. O documentário, lançado no canal do clube, também conta com a presença de historiadores, que junto com outros pesquisadores, resgatam a trajetória centenária a partir de diversas entrevistas com grandes personagens da história do clube.

Cada fonte aqui citada sobre a história do Cruzeiro, demonstra a grandeza histórica de um clube que hoje é considerado um dos maiores do Brasil, possuindo inclusive, a maior torcida do estado de Minas Gerais.

"NASCE UMA POLÊMICA": INÍCIO DAS QUESTÕES DE MARKETING DO TIME DO POVO

A rivalidade entre o Cruzeiro Esporte Clube e o Clube Atlético Mineiro é, sem dúvidas, a maior de Minas Gerais e uma das maiores do Brasil. Entre centenas de duelos ocorridos, um permanece em disputa: a briga pela posse do título de “time do povo”. Essa é uma discussão popular antiga, mas em 2015 os clubes entraram de maneira institucional nessa briga.

Após um empate de 1x1 no clássico mineiro na partida válida pela 25ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2015, realizada no dia 13 de setembro, Bruno Vicintin, vice-presidente de futebol do Cruzeiro, teve uma conversa vazada de seu aplicativo de celular. O áudio, segundo Vicintin em uma entrevista dada ao site *Superesportes* e ao jornal *Estado de Minas*³, foi se espalhando de grupo em grupo no aplicativo, até

³ Disponível em:

<https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2015/11/10/noticia_cruzeiro,323285/vicintin-explica-surgimento-do-slogan-time-do-povo-e-comenta-irritacao-rival-a-verdade-doi.shtml>.
Acesso em: 2 out. 2024.

ser de conhecimento público, virando notícia de imediato, já no dia 14 do mesmo mês no site do jornal *Hoje em Dia*⁴. A mensagem de voz divulgada nas redes sociais dizia:

Este negócio de time do povo dói dentro da alma deles, porque eles sempre foram clube de elite, tanto que eles estão em Lourdes, né? E o Cruzeiro no Barro Preto. E o Cruzeiro foi um time de imigrante, um time de operários, e a gente tem que abraçar este negócio de time do povo também. Vou começar a falar isso⁵.

A fala de Vicintin demonstra um descontentamento em relação à torcida atleticana se intitular como “time do povo”, isso porque o Cruzeiro que deveria abraçar esse título pela sua origem operária e imigrante. O clube, fundado em 1921 pela colônia italiana de Belo Horizonte, de fato tem uma formação menos elitizada que o Atlético Mineiro.

O Atlético foi fundado em 1908 por jovens estudantes do bairro de Lourdes, como é citado por Vicintin. Lourdes é um bairro de elite de Belo Horizonte e os fundadores do clube eram da alta sociedade. Já o Cruzeiro, fundado por imigrantes italianos que foram para a região de São Curral Del Rei, hoje Belo Horizonte, para justamente construir a cidade. Esses imigrantes eram operários do bairro do Barro Preto e fundaram o Cruzeiro como um espaço de socialização e de preservação da cultura italiana na cidade.

Esse embate pelo título de “time do povo” não iniciou no estado de Minas Gerais. O primeiro registro desse título no Brasil é creditado ao alfaiate Miguel Battaglia, o primeiro presidente do Sport Club Corinthians Paulista. Segundo registros oficiais do clube, a frase “O Corinthians vai ser o time do povo e o povo é quem vai fazer o time” foi proferida pelo presidente no dia da fundação do clube em 1910, quando o mesmo foi escolhido para o cargo.

Assim como o Corinthians em São Paulo, outros times como o Clube de Regatas do Flamengo no Rio de Janeiro, adotam a estratégia de reivindicar o título de “time do povo”. São várias as intenções de possuir esse título, podendo ser uma forma de resgatar seu passado de origem popular, uma forma de solidificar uma identificação com a sua torcida, que em sua maioria no Brasil, são de classes sociais baixas, e/ou uma forma de explicitar, através do aspecto quantitativo, o tamanho de sua torcida.

⁴ Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/esportes/cruzeiro/em-audio-vazado-pelo-whatsapp-bruno-vicintin-enaltece-torcida-celeste-e-alfineta-rivais-1.323356>>. Acesso em: 2 out. 2024.

⁵ Transcrição do áudio de Bruno Vicintin vazado em 2015 na rede social *Whatsapp*. Cf. Fernandes, 2015.

Independente da intencionalidade do uso do título “time do povo”, ele está, de maneira geral, sempre ancorado em uma narrativa clubística, pois ao se colocar como “time do povo”, é pressuposto a existência de um, ou mais, “times que não são do povo”, ou como comumente chamados, “time da elite”. Dessa forma, podemos considerar que os dois principais agentes que sustentam esse título para os times são “[...] o jornalismo e os dirigentes dos clubes – os quais incorporam o discurso midiático” (Neves, 2021, p. 40), como o caso do Cruzeiro, abordado por essa pesquisa.

Como é citado por Vicintin, embora a origem popular seja do Cruzeiro, é o Atlético Mineiro que até então, era conhecido tanto por sua torcida, como pela mídia, como o “time do povo” de Minas Gerais. Desse modo, a entrada do Cruzeiro nesse embate incomodou o seu rival, respondendo através de provocações com o intuito de estampar a sua marca. Em 2016, o Atlético Mineiro colocou um banner na entrada principal do Terminal Rodoviário de Belo Horizonte com as sentenças “Seja sócio Galo Na Veia” e “O verdadeiro Time do Povo desde 1908”, assim como também estampou as mesmas frases em 80% da frota de ônibus da cidade⁶.

Assim como essa ação do Atlético Mineiro foi feita a partir do departamento de marketing do clube, a do Cruzeiro também. Após o episódio do áudio vazado de Bruno Vicintin, o Cruzeiro começou a utilizar o “Time do Povo” como estratégia de marketing para a instituição. Isso pois o “[...] marketing envolve a identificação e a satisfação das necessidades humanas e sociais [...]” (Kotler; Keller, 2006, p.4 *apud* Malagrino, p. 27), no caso da torcida, quando se trata do marketing esportivo. A frase foi estampada no portão do centro de treinamento Toca da Raposa II, virou nome de um plano de sócio torcedor do clube e camiseta oficial, lançados ainda em 2015, no início do movimento. Além disso, o título começou também a ser utilizado pelos próprios torcedores, as principais páginas das redes sociais no *Facebook* e no antigo *Twitter*, hoje *X*, denominadas “time do povo” foram criadas depois do vazamento do áudio.

A ideia criada pelo departamento de marketing foi então comprada de maneira institucional e ganhou força com a torcida cruzeirense, começando a se identificar como torcedores do “time do povo” de Minas Gerais. Dessa maneira, entende-se que não foi uma ação aleatória, ela possuía um objetivo de somar na identidade organizacional do clube. Segundo Stuart Albert e David A. Whetten (1985, *apud* Granja, 2015, p. 43), “[...] a identidade organizacional é a crença compartilhada entre

⁶ Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2016/02/12/atletico-provoca-cruzeiro-e-se-declara-time-do-povo-em-onibus-de-bh.htm>>. Acesso em: 2 out. 2024.

os membros da organização daquilo que a organização tem de central, distintivo e duradouro”.

A ação do Cruzeiro como “time do povo” soma na identidade organizacional na medida em que cria uma narrativa que o difere de seus principais rivais do estado, afinal, o Atlético Mineiro e o América Mineiro são times fundados pela elite da capital mineira. Como é explícito no áudio, a ideia de iniciar o movimento foi a partir de um embate direto com o Atlético Mineiro, baseado então na origem imigrante e operária do clube, ou seja, através de um aspecto do passado do Cruzeiro, e não do presente.

Segundo Olof Brunninge (2009, *apud* Granja, 2015, p. 44), os gestores podem usar referências selecionadas do passado da organização no processo de construção da identidade organizacional. A construção da memória por meio da seleção de referências ao passado da organização não é aleatória e procura justamente apoiar-se nos elementos que visam destacar e diferenciar uma organização das demais. Nesse sentido, é possível compreender que o clube se ancorou nas características do passado, buscando através da história, um argumento para considerar-se como “time do povo”, tornando-se um processo de composição de uma identidade agarrada na memória da organização.

Todo esse processo, que se iniciou em 2015 por parte do Cruzeiro, continuou até chegar no ano de seu centenário, quando o clube utilizou das ferramentas de marketing citadas, para compor as produções comemorativas de sua efeméride.

O CENTENÁRIO DO CRUZEIRO ESPORTE CLUBE

O Cruzeiro Esporte Clube comemorou seu centenário no dia 2 de janeiro de 2021. A efeméride, que é uma das principais no futebol, não teve uma comemoração como esperada. O Brasil enfrentava um dos maiores picos da pandemia de Covid-19, o que impossibilitou a realização de uma grande comemoração de aniversários do clube com a sua torcida. Entretanto, como mostra reportagens⁷ telejornalísticas realizadas, aconteceram aglomerações indevidas de torcedores, mas sem o apoio do clube. Além da realidade pandêmica vivenciada no país, outro importante aspecto amargou a comemoração do centenário, “[...] o clube passava pelo pior momento em sua história, com crises financeiras e administrativas, e vivendo pela primeira vez o

⁷ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9148409/>>. Acesso em: 5 out. 2024.

drama da Série B do Campeonato Brasileiro” (Da Silva, 2024, p. 42). Era uma situação na qual parecia que não havia motivos para se comemorar. O Cruzeiro caiu para a série B no ano de 2020 e permaneceu em 2021, uma vergonha para a história de um dos únicos times grandes que ainda não havia sido rebaixado. Junto a isso, a realidade financeira do clube estava alarmante, pois o Cruzeiro havia acabado de fechar o ano de 2020 com uma dívida de quase R\$900 milhões, além das confusões envolvendo os administradores do clube que também viraram notícia.

Dadas a grave situação, foram realizadas singelas comemorações, feitas principalmente através de postagens nas redes sociais do clube e através de um evento realizado no estádio do Mineirão, com homenagens, participação de ídolos e personagens importantes, que teve transmissão ao vivo através do canal do clube no *Youtube*, pois não contou com a presença de torcedores. Além das comemorações realizadas no dia do centenário, o Cruzeiro produziu dois materiais comemorativos para a efeméride, sendo eles o documentário “*Em busca da história do Cruzeiro*” e o livro “*De Palestra a Cruzeiro – Edição Centenário*”. Ambos os materiais foram produzidos juntamente com o Instituto Palestra Itália, braço social do Cruzeiro Esporte Clube, além de outros institutos e viabilizados pela Lei de Incentivo à Cultura.

O documentário está disponível no canal oficial do time no *Youtube* e foi dirigido por Gustavo Nolasco e André Amparo, além de contar com a participação de mais de 40 profissionais. Para a produção da média-metragem foram mobilizadas mais de 70 entrevistas gravadas com ex-jogadores, dirigentes, torcedores, jornalistas e historiadores. Além disso, o documentário conta com a presença de diversas fontes, como atas, vídeos e imagens antigas, que realizam a função de ilustrar o filme na medida que a narração acontece.

O livro é uma reedição da versão original *De Palestra a Cruzeiro*⁸, escrito por Plínio Barreto e publicado em 2000, em parceria com seu filho Luiz Otávio Trópia Barreto, que também produz a nova edição, juntamente com Alexandre Horta, Marco Astoni e Gustavo Nolasco, o mesmo diretor do documentário. O livro está disponível em versão digital para *download* no site do Instituto Palestra Itália, não houve comercialização da versão física, apenas distribuição para escolas da rede pública de Belo Horizonte e região metropolitana.

⁸ Não foi possível utilizar o livro *De Palestra a Cruzeiro* como fonte para esse artigo pois não há versão dele disponível na internet por ser um material de colecionador.

Essas produções se enquadram como narrativas da história oficial do clube, que através de aparatos históricos, buscou celebrar o centenário contando o processo de sua fundação e os principais momentos de sua história, que entre as tantas ironias do futebol, aconteceu justamente no pior momento de sua história. Embora essa história seja apresentada como a narrativa oficial do clube, é importante questionar quais agentes a tomam como verdadeira, pois historicamente entendemos que toda narrativa representa uma disputa de memória, ou seja, outras perspectivas históricas podem não estar representadas nessa que o clube construiu.

Dessa maneira, o objetivo dessa pesquisa é analisar essas narrativas presentes nesses materiais digitais, marcadas pela fase que o clube passava, que foram criados para contar a história oficial do Cruzeiro. Partindo da problematização da ideia de “time do povo”, presente diretamente e indiretamente nas produções em questão, será feita uma análise de três pressupostos principais: o Cruzeiro como o time dos imigrantes italianos de Belo Horizonte, como o time com a maior torcida de Minas Gerais e por fim, como o time de todas e todos.

AS PRODUÇÕES COMEMORATIVAS DO CENTENÁRIO

O Cruzeiro foi fundado em 1921 como “Società Sportiva Palestra Italia” por imigrantes italianos e descendentes que se instalaram em Belo Horizonte com o objetivo de ajudar a construir a mais nova capital mineira. O orgulho palestrino e operário do clube é marcado e celebrado nas fontes utilizadas, como é possível analisar na citação retirada da segunda parte do livro *De Palestra a Cruzeiro – Edição Centenário*:

A Società Sportiva Palestra Italia nasceu no dia 2 de janeiro de 1921, como um clube do povo. Enquanto esportistas ligados às tradicionais famílias mineiras se reuniam em torno dos dois grandes rivais regionais, o Palestra foi a agremiação daqueles que arregaçavam as mangas na construção civil, nas indústrias da panificação, nas oficinas de calçados, nas serrarias, no comércio de peças e na condução do transporte, enfim, onde qualquer mão de obra – especializada ou não – fosse exigida. Eram os italianos que haviam deixado a Itália para construir a nova Capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, e seus descendentes (Astoni; Barreto; Nolasco, 2022, p. 28).

No início do documentário, também é demonstrado o orgulho da sua origem, os dizeres “O Cruzeiro Esporte Clube nasceu Società Sportiva Palestra Italia em 1921” e “Veio dos imigrantes italianos, dos trabalhadores, do povo das periferias de Belo

Horizonte, em Minas Gerais” aparecem entre os minutos 2:47 e 3:04. Nesse sentido, é possível analisar um certo saudosismo e nostalgia mobilizados em torno da fundação do clube, uma narrativa bem explícita no que diz respeito a quem o fundou: os trabalhadores de origem italiana. Deixando, ainda claro, que esse fator difere o Cruzeiro dos seus dois principais rivais do estado, o Atlético Mineiro e o América Mineiro, que não são citados nominalmente.

Como citado, criar o clube foi uma maneira de preservar a cultura italiana através de um espaço de socialização. A partir da década de 1870, Minas Gerais – e outras localidades do Brasil - começaram a presenciar uma chegada significativa de italianos, mas vivenciou o ápice a partir da década de 1880⁹:

Por intermédio de propagandas na Europa, o governo brasileiro difundiu uma imagem do Brasil como terra de oportunidades. De 1888 a 1903, segundo o *Annuario de Minas Geraes*, o governo do Estado registrou a entrada de 72.788 imigrantes europeus em Minas Gerais, principalmente italianos e espanhóis, sendo que 49.332 chegaram no período de construção da cidade (1893-1897) (Alves, 2021, p. 9).

O livro e o documentário apresentam exemplos dessas propagandas que resultaram na vinda massiva de imigrantes. O livro descreve que houve propagandas mantidas pelo governo de Minas para incentivar a imigração, juntamente com o agente Alessandro D'Atri. Como fonte os autores mobilizam os jornais *Il Secolo*, de Milão; *Caffaro* e *Il Secolo XIX*, de Genova; *Il Paese*, *La Discussione* e *Mattino* de Napoli, de Nápoles, que divulgavam a oferta de trabalho em Belo Horizonte e a doação de terras. Há a ilustração da capa do jornal *Il Secolo XIX*¹⁰ e de duas propagandas que contém a imagem de navegações, uma sem legenda e outra com a legenda “cartaz de companhia de navegação que fazia o traslado de imigrantes italianos para o Brasil”¹¹, todos escrito em italiano.

O documentário utiliza a fala de dois historiadores e de um pesquisador para explicar a imigração, sendo eles Geovano Chaves, Anísio Ciscotto e Stanley Savoretti. Eles argumentam sinteticamente a história da imigração para o Brasil, citando o papel dos agenciadores contratados pelos estados brasileiros para captarem mão de obra em cidades, principalmente pobres, da Itália. Stanley Savoretti cita as propagandas,

⁹ HUTTER, Lucy Maffei. Imigração italiana: aspectos gerais do processo imigratório. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 27, 1987. p. 61.

¹⁰ NOLASCO; Gustavo; BARRETO; Luiz Otávio Trópia; ASTONI; Marco Antônio. De Palestra a Cruzeiro – Edição Centenário. Belo Horizonte: Gaia Cultural – Cultura e Meio Ambiente, 2022. p. 17.

¹¹ NOLASCO; Gustavo; BARRETO; Luiz Otávio Trópia; ASTONI; Marco Antônio. De Palestra a Cruzeiro – Edição Centenário. Belo Horizonte: Gaia Cultural – Cultura e Meio Ambiente, 2022. p. 18.

presentes no livro, que apresentam o Brasil como uma terra boa por ser quente e possuir alimentos em abundância.

Assim como é escrito no livro, a narrativa que os imigrantes italianos vieram para Belo Horizonte para construir a cidade também está presente no documentário. O historiador Anísio Ciscotto argumenta que em Minas Gerais, o imigrante italiano veio para trabalhar em conjunto com os ex-escravizados. Em seguida, o jornalista e escritor Pedro Blank comenta que os imigrantes eram, inclusive, chamados de “escravos brancos”, porque, segundo ele “eles vinham aqui para serem tão explorados quanto os escravos que tinham acabado de ser alforriados”.

Dessa forma, é nítida a tentativa de propor a narrativa de que a origem do Cruzeiro foi a partir de imigrantes operários, pobres e explorados, até mesmo a partir de uma comparação com a situação dos escravizados africanos e descendentes. De fato, a maioria das famílias imigrantes que vieram para o Brasil, eram pobres e por meio da migração tentavam solucionar os problemas enfrentados devido à desestruturação da Itália¹². Entretanto, embora tenham sofrido inúmeras diversidades durante todo o processo de imigração, não há embasamento histórico para uma comparação entre italianos e ex-escravizados, como é citado no documentário.

No livro, no momento sobre a explicação do processo imigratório dos italianos, não há uma narrativa baseada nas adversidades, mas sim uma narrativa saudosista e baseada no orgulho paetrino. Após a explicação sobre as propagandas que incentivavam a imigração, é abordado o impacto dela, como é visto nesse trecho:

Até hoje, podemos sentir a contribuição dada pelo povo da península à cidade. As marcas estão nas padarias, nas velhas construções, no comércio, na indústria e nos grandes prédios públicos do final do século XIX e do início do século XX. Os italianos trouxeram a dedicação à agricultura, a exaltação da *nonna* e da *mamma*, os prazeres por uma mesa farta, a alegria de viver, o jeito característico de falar e de discutir, sempre em bom som e repleto de gestos com as mãos – o italiano interpreta o que fala. Eles ajudaram no surgimento de Belo Horizonte com os braços dos operários da construção civil, com as mãos dos artesãos, com a inteligência dos arquitetos e com o bom gosto pela música (Astoni; Barreto; Nolasco, 2022, p. 21).

Outro acontecimento marcante abordado nas duas fontes, que perpassa a sua origem italiana, é a mudança do nome e das cores do clube durante a Segunda Guerra Mundial, através do decreto de Getúlio Vargas que ao inserir o Brasil na guerra, proibiu

¹² ROSA, Lucas Brandão Pereira. *et al.* A Presença Italiana em Minas Gerais a Partir do Século XIX. Revista Brasileira de Educação e Cultural, 2016. p. 120.

o uso de símbolos ligados à Alemanha, Japão e Itália no território brasileiro. O documentário trata a mudança como ato de resistência, utilizando a frase “7 de outubro de 1942 - resistência ou morte”, data na qual foi decretada a mudança de nome do clube. Outra alusão à data é retratada em um *take* do documentário no qual é mostrado um grafite em um muro. (Figura 1).

Figura 1 - Resistência Palestrina



Fonte: Em Busca da História do Cruzeiro Direção: Gustavo Nolasco, André Amparo. 2021.

O documentário utiliza de uma narrativa comovente sobre os preconceitos vividos pelos italianos e descendentes em Belo Horizonte durante esse período, o que também aparece de maneira marcante no livro. Nesse sentido, o livro dedica páginas para falar sobre a mudança institucional, tratando também como ato de resistência, por parte do Cruzeiro, em trocar os símbolos do clube. Dessa maneira, ambas as fontes tratam o clube e seus torcedores como vítimas da xenofobia e do extremismo nesse período de guerra.

Assim como a origem do clube é abordada para justificar as narrativas do Cruzeiro como “time do povo”, a questão da quantidade de seus torcedores também é mobilizada para justificar a sua popularidade. O documentário aborda que o primeiro time de massa foi o Palestra Itália, isso porque foi a primeira grande torcida, já que a maior parte de Belo Horizonte, naquela década, era de origem italiana e esses estavam animados com o futebol e iam sempre aos estádios. Diferente do Atlético Mineiro, no qual a torcida não fazia do futebol a sua atividade principal.

O livro, por sua vez, não aborda essas mesmas questões, mas descreve que já 1945 foi necessário construir um novo estádio, porque o “estadinho do Palestra Itália” construído no bairro do Barro Preto, não suportava mais a quantidade de torcida que o clube possuía. O estádio construído então foi chamado de “Estádio Juscelino Kubitschek”, que era então prefeito de Belo Horizonte, explicitando que a torcida cruzeirense cresceu rapidamente ainda nas primeiras décadas do clube.

Ao discorrer mais sobre a torcida, o livro aborda que a década de 1960 foi um momento de transformações:

A era de vitórias esportivas, de ampliação de patrimônios e de modernização de gestão levaria o time do povo mineiro, dos imigrantes e dos operários de Belo Horizonte a se tornar o embaixador de Minas Gerais no futebol brasileiro e no mundial. A camisa azul com cinco estrelas se tornaria referência simbólica da mineiridade. Mas ainda existiam muitas esquinas para o clube dobrar antes de atingir esse status de representante máximo de um estado perante o mundo do futebol brasileiro, principalmente no eixo RJ-SP. A primeira delas seria se consolidar como o maior clube e de maior torcida dentro de Minas Gerais, o que não seria difícil, pois o clube já era adorado no seio do seu nascedouro – as zonas periféricas de Belo Horizonte –, por uma parcela dos mais abastados e, principalmente, nos quatro cantos deste estado gigantesco. (Astoni; Barreto; Nolasco, 2022, p. 124-125).

Nesse sentido, podemos analisar que a narrativa construída é a mesma que a do documentário, ou seja, de que a torcida do Cruzeiro foi a primeira a se consolidar como a maior torcida do estado, levando esse fenômeno inclusive, para fora dele, tanto no sentido nacional, quanto internacional. A partir dessa citação, fica evidente que a quantidade de seus torcedores, também é atribuída a sua origem operária e imigrante, pois o Cruzeiro já era um clube adorado nas zonas periféricas, onde surgiu a sua torcida, o que facilitaria o aumento dela.

O livro ainda cita o apelido “China Azul”, dado para a torcida cruzeirense pelo cronista Roberto Drummond, representando uma analogia entre a crescente adesão de torcedores e a população em rápida expansão da China na década de 1960, momento no qual o Cruzeiro ganhou importantes títulos, o Pentacampeonato Mineiro consecutivo (1965 a 1969) e a Taça Brasil (1966)¹³. O apelido “pegou” no gosto popular e midiático e continuou a ser utilizado para se referir aos cruzeirenses, que continua sendo atualmente, a maior torcida do estado.

¹³ LADEIRA, Flávia Toledo. **A criminalização das torcidas organizadas de futebol**. 2009, p. 33

Nesse sentido, o média-metragem destaca que no ano do centenário, o Cruzeiro atingiu o número de 10 milhões de torcedores, exibindo logo no início esse número impactante, levando em consideração que apenas 5 times brasileiros possuem uma torcida maior, sendo inclusive, todos do eixo Rio-São Paulo¹⁴. Dessa maneira, podemos concluir que o aspecto popular que sonda a noção de “time do povo” por parte do Cruzeiro, também está diretamente ligado a quantidade de torcedores que o clube possui.

Por fim, o último aspecto, colocado como forma de análise nessa pesquisa, sobre o “time do povo”, consiste na narrativa do Cruzeiro ser um clube para todos e para todas. Alguns são os aspectos que rondam essa hipótese levantada para essa pesquisa, sendo eles o de nacionalidade, de gênero, de raça e de sexualidade. Buscando entender nos dois materiais analisados, de qual povo que o Cruzeiro diz ser o time.

Durante o documentário é narrado através do historiador Anísio Ciscotto e do jornalista e escritor Pedro Blank, que no primeiro estatuto do Palestra Itália registrado em cartório, é escrito que o clube era aberto para todos, imigrantes italianos e descendentes ou não. Sendo um local para todos, com o argumento que dentro do clube o preconceito não tinha vez, já que, independentemente das diferenças, todos se tornavam iguais dentro do Palestra. Porém, algo que não é elencado na história oficial, é o fato de que no rol de sócios do Palestra, só eram aceitos italianos e descendentes¹⁵, possibilitando a problematização de que embora sua origem foi imigrante, não necessariamente abarcou todo o “povo”.

Outro aspecto fundamental é a questão de gênero, ou seja, como as mulheres foram mobilizadas para contar a história oficial do clube. No documentário, algumas mulheres foram escolhidas para servirem como fonte oral para a construção da narrativa, sendo a maioria, filhas e netas de imigrantes italianos ou descendentes. A partir de seus testemunhos, as torcedoras relatam vivências e informações sobre o passado do clube, principalmente articulando com seus pais, avós e parentes como personagens dessas histórias.

Além disso, é citado durante o documentário, a existência de torcida organizada feminina nas primeiras décadas do clube. O jornalista Pedro Blank ressalta que não

¹⁴ Dados disponíveis em: <<https://placar.com.br/placar/qual-e-a-maior-torcida-do-pais-em-2024-veja-o-que-diz-nova-pesquisa/>>. Acesso em: 6 out. 2024.

¹⁵ SOUZA, Adriano Lopes de. A hipocrisia do time do povo. Ludopédio, São Paulo, v. 79, n. 9, 2016.

era da maneira que existe hoje, mas que as torcedoras cantavam e incentivavam o clube, assim como também cita a ida das torcedoras ao estádio usando chapéu. Uma frase que aparenta ser um tanto quanto sem sentido, mas que na realidade demonstra qual era um dos papéis da mulher naquele espaço, pois o fato delas irem de chapéu para o estádio não era por acaso, significava que o local servia como uma exposição de moda, onde as mulheres demonstravam suas vestimentas, sendo a partida, dessa maneira, apenas um evento social.

Outro exemplo dado pelas duas fontes sobre a relação do clube com mulheres, que ainda possui uma relação com a moda, era a eleição da “Rainha do Palestra”. Tanto o jornal quanto o documentário exibem a foto de Horizontina Miraglia, que foi a primeira Rainha do Palestra eleita. No documentário, há também uma entrevista com Marta Miraglia, filha de Horizontina, que diz que sua mãe era a pessoa mais cruzeirense que já viu na vida.

Sobre o papel de mulheres dentro do clube, o livro traz a seguinte citação:

Por tradição, o Cruzeiro teve grandes mulheres à frente de ações revolucionárias junto à sua torcida. Nas décadas de 1960 e de 1970, Inês Helena de Abreu coordenava os projetos educativos, sociais e de divulgação do clube, criados pelo então presidente Felício Brandi. (Astoni; Barreto; Nolasco, 2022, p. 164).

Esse trecho é apresentado na parte inferior da página em que se encontra, além de ser digitado com o tamanho da fonte menor em comparação ao resto do corpo do texto. Ou seja, embora tenha uma narrativa de que o clube teve “grandes mulheres”, só é citada uma, e de maneira discreta. Em medida de comparação, não há durante o texto a frase “grande(s) homens(s)”, o que pode sugerir uma análise de que, por não possuir narrativas de mulheres na fonte, houve a necessidade de escrever essa citação como forma de demonstrar que era um espaço feminino, mesmo só referenciando uma “grande” mulher durante as 263 páginas do livro, pois as outras poucas citadas eram esposas de jogadores ou torcedoras.

O último ponto levantado na questão do gênero nas fontes analisadas, é a ausência de menções sobre o futebol feminino do Cruzeiro, tanto no livro, quanto no documentário. Mesmo partindo da perspectiva de que os materiais comemorativos foram elaborados sobre a história do time masculino, a instituição continua sendo a mesma, ou seja, poderia – ou deveria – ter referências sobre. Outro fator sobre o futebol feminino do clube, que através da perspectiva de gênero se relaciona com a análise do “time do povo”, consiste na própria criação da equipe feminina do Cruzeiro

Esporte Clube, que só aconteceu em 2019, quando passou a ser uma exigência da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para todos os clubes da série A do Campeonato Brasileiro.

Sobre a pouca participação de mulheres no clube, Gladstone Leonel Júnior (2021) diz:

Para construir uma cultura de tolerância, inclusão e respeito é fundamental a pró-atividade da torcida e do clube. Urge ampliar os espaços de participação das mulheres no futebol, seja na composição da diretoria do clube, no conselho, no apoio às torcedoras e, principalmente, na formação das categorias de base e profissionais de equipes femininas. Algumas ações de visibilidade já foram tomadas por algumas diretorias do clube, como a associação dos números das camisas dos jogadores aos índices de violência contra as mulheres, no Dia Internacional da Mulher em março de 2017, em um jogo da Copa do Brasil contra o Murici, de Alagoas, mas isso ainda é muito pouco para o potencial de um clube de massa (Leonel Junior, 2021, p. 119).

Dessa maneira, entendemos a necessidade de uma mudança, tanto do clube, quanto da torcida, visto que o Cruzeiro é um time de massa, ou seja, um time que também deveria ser feito de mulheres e para mulheres.

Por fim, vejo como indispensável citar o fato de que a questão da raça e da sexualidade não são citadas em ambas as fontes. Embora haja um orgulho grande em se considerar como um time do povo, o Cruzeiro, assim como a maioria dos clubes brasileiros, não faz questão de inserir essas discussões na narrativa de sua história. As fontes afirmam que o clube é de todos de uma maneira leviana, pois não mostra exemplos de como ele se firma como tal. Isso claro, não é uma preocupação para o clube ou seu marketing.

Dessa forma, após discorrer sobre a análise das hipóteses presentes nas fontes durante esse tópico, pode-se compreender que todas as narrativas giram em torno de memória almejada pela instituição, que é mobilizada na intenção de reforçar um sentimento de pertencimento do clube e seus torcedores. De acordo com Pollack (1989), a memória define o que é comum em um grupo e o que o diferencia de outros, nesse sentido será possível analisar a construção da memória do Cruzeiro diante da memória de seus rivais, pois pode-se concluir que o embate sobre o título de “time do povo” é uma disputa de memória entre os clubes. Dessa maneira, é possível entender como a memória da origem do clube é utilizada nas suas narrativas como um time popular.

Nesse sentido, Pollack (1989) utiliza a teoria sobre memória coletiva de Halbwachs, que “acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de ‘comunidade afetiva’” (POLLACK, 1989, p. 1). Dessa forma, entender a mobilização da memória do campo da teoria do futebol é fundamental pois “os sentimentos e afetos são acionados quando se deseja coesão e reforço da identidade da nação ou de instituições pelos guardiões da memória oficial (símbolos, documentos, monumentos, museus etc.)” (Soares; Helal; Santoro, 2004, p. 6).

No caso de uma memória oficial de um time de futebol, partimos da perspectiva da memória organizacional, ou seja, a memória de uma organização, no caso, a do Cruzeiro Esporte Clube. Desse modo, entendemos que a memória mobilizada no livro e no documentário analisados aqui, parte de uma decisão dos gestores do clube, elaborada pelo marketing, que possui o objetivo de relembrar memórias específicas na comemoração do centenário. Consideramos nessa pesquisa, a identificação do Cruzeiro como “time do povo” como um objetivo da memória organizacional desejada, com construções e intenções que serão ainda analisadas. Nesse sentido, compreendemos as fontes dessa pesquisa como uma memória oficial do clube, essas elaboradas como um reforço de identidade sobre o time na celebração de seu centenário.

Sobre a identidade, entendemos que ela é criada ou mantida através de uma memória que é escrita ou lembrada. A identidade de um clube de futebol nasce com a sua origem, mas pode se modificar através do tempo. Essa modificação pode ocorrer de diversas maneiras, como através da mídia ou através de ações do próprio time. Desse modo, ao analisar o livro e o documentário produzidos pelo Cruzeiro, entenderemos como a identidade organizacional é construída pelo e sobre o clube nessas fontes oficiais. Os materiais abordam a origem italiana e imigrante do clube, escrevendo o time como popular através da justificativa de que o Cruzeiro foi fundado por trabalhadores, e não pela elite belo-horizontina, que é o caso do Atlético Mineiro.

A escrita nas narrativas oficiais do clube como o “time do povo” é uma forma de reforçar sua identidade para a sua torcida, relembrar seu passado de acordo com suas intenções e disputar uma memória com seu maior rival. Para David Lowenthal, a “[...] identidade e memória estão indissociavelmente ligadas, pois sem recordar o passado não é possível saber quem somos. E nossa identidade surge quando evocamos uma

série de lembranças.” (Silva; Silva, 2013, p. 204). Ou seja, os materiais analisados sobre a história oficial do Cruzeiro possuem como principal função evocar lembranças e consolidar identidades no meio futebolístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, entender a história oficial construída pelo Cruzeiro, possibilita a compreensão e a problematização de como o passado histórico foi utilizado como ferramenta de mobilização de um ideário popular do clube. Pelo fato de não existir pesquisas historiográficas sobre essas fontes em específico, de maneira comparativa, essa pesquisa possui como objetivo avançar na área da teoria do futebol, criando perspectivas novas de estudar e entender o futebol como fenômeno histórico.

Através da análise do documentário *“Em busca da história do Cruzeiro”* e do livro *“De Palestra a Cruzeiro – Edição Centenário”*, obtive como objetivo compreender como o departamento de marketing, junto aos pesquisadores e historiadores do clube, produziram a narrativa do Cruzeiro como “time do povo” a partir de três pressupostos principais: o time dos imigrantes italianos, o time com a maior torcida de Minas Gerais e por fim, como o time de todas e todos.

A partir da concepção do Cruzeiro como “o time dos imigrantes italianos”, foi possível entender que esse é o principal argumento do clube para se considerar como “time do povo”, pois seria como um sinônimo de time dos oprimidos, usando como principal embasamento a sua origem pobre e operária. Já através da presunção “o time com a maior torcida de Minas Gerais”, o clube usa como argumento a concepção de que ser o “time do povo” está diretamente ligado com a popularidade que possui. Por fim, através da ideia de “time de todas e todos” o clube tenta usar - e deixa de usar - pautas identitárias. Na medida em que há uma tentativa, consideravelmente falha, de argumentar a ideia de “time do povo” em cima da questão de gênero, não há menções sobre o lugar do negro e da comunidade LGBTQIAP+ no Cruzeiro.

Como resultados dessa pesquisa, é possível entender como as referências históricas são mobilizadas na manutenção da memória do time e de seus torcedores, através de um uso intencional de certos recortes do seu passado e do seu presente. Dessa maneira, não é o intuito desta pesquisa definir se o Cruzeiro Esporte Clube é de fato o “time do povo” de Minas Gerais ou não, mas sim analisar qual foi a narrativa criada para se entender como tal.

Em síntese, o artigo apresenta algo novo no campo da história do futebol, que pensando juntamente com a história oficial do Cruzeiro Esporte Clube, analisou questões pertinentes que relacionam as origens italianas do clube com a construção de uma memória e de uma identidade popular em suas narrativas oficiais do centenário. Dessa maneira, foi possível entender e problematizar o título de “time do povo” que o Cruzeiro utilizou como uma narrativa oficial na comemoração de seu centenário, através de estratégias de seu departamento de marketing.

FONTES

EM BUSCA DA HISTÓRIA DO CRUZEIRO. Direção: Gustavo Nolasco, André Amparo. Brasil. 2021. HD. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q67VTbH3tzo>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

NOLASCO; Gustavo; BARRETO; Luiz Otávio Trópia; ASTONI; Marco Antônio. **De Palestra a Cruzeiro – Edição Centenário**. Belo Horizonte: Gaia Cultural – Cultura e Meio Ambiente, 2022. Disponível em: <https://dl.orangedox.com/EeEdH08DjVmFnzjcLC?utm_source=Cruzeiro+livro+OrangeDoX>. Acesso em: 10 jun. 2024.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Stuart; Whetten, David A. Organizational identity. **Research in organizational behavior**, 1985.

ALVES, Rogério Othon Teixeira. Club Athletico Mineiro X Societá Sportiva Palestra Italia: Índícios do nascedouro de uma rivalidade centenária. **Record**, v. 14, n. 2, p. 1-17, 2021.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. Um trem chamado futebol: ambivalências da modernidade e a história de uma nova prática nos sertões das Gerais. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v. 19, n. 1, p. 335-352, 2022.

BONFIM, Aira F. **Futebol feminino no Brasil: Entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)**. São Paulo: 2023.

BRUNNINGE, Olof. Using history in organizations: How managers make purposeful reference to history in strategy processes. **Journal of organizational change management**, v. 22, n. 1, p. 8-26, 2009.

CAPELO, Rodrigo, As finanças do Cruzeiro em 2020: dívidas impagáveis e ineficiência no futebol marcam a fase mais sombria da história celeste. GE. Disponível em: <<https://ge.globo.com/blogs/blog-do-rodrigo-capelo/post/2021/06/17/as-financas-do-cruzeiro-em-2020-dividas-impagaveis-e-ineficiencia-no-futebol-marcam-a-fase-mais-sombria-da-historia-celeste.ghtml>>. Acesso em: 2 out. 2024.

CONHEÇA A HISTÓRIA DO SCCP. Corinthians. Clube - História. Disponível em: <<https://www.corinthians.com.br/clube/historia>>. Acesso em: 5 out. 2024.

DA SILVA, Maria Eduarda Cavichioli. Televisão, Futebol e História Pública: as reportagens sobre o centenário do Cruzeiro no telejornalismo esportivo da Rede Globo (2021). **Revista Caliandra**, v. 3, n. 2, p. 41-49, 2023.

DAMATTA, Roberto. Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

DIAS, Cleber. *et al.* História do futebol em Minas Gerais. **Revista Tempos Gerais**, v. 3, n. 2, 2014.

FERNANDES, Thiago, Atlético provoca Cruzeiro e se declara “Time do Povo” em ônibus de BH, Uol.com.br, 2016. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2016/02/12/atletico-provoca-cruzeiro-e-se-declara-time-do-povo-em-onibus-de-bh.htm>>. acesso em: 2 out. 2024.

FERNANDES, Thiago. “Time do Povo”? Entenda como Cruzeiro criou ação que gerou polêmica em BH. Uol.com.br, 2015. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2015/09/23/por-que-o-cruzeiro-se-autoproclamou-time-do-povo-apos-jogo-com-o-atletico.htm>>. Acesso em: 2 out. 2024.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GIGLIO, Sérgio Settoni; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, n. 163, p. 293-350, 2010.

GRANJA, Alex Lopes. **A utilização da memória pelo marketing de clubes de futebol**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/712184/>>. Acesso em: 2 out. 2024

GRANJA, Alex Lopes; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. O poder do passado: a utilização da memória organizacional na construção da identidade de clubes de futebol. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 11, n. 2, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/scg/article/view/13380>>. Acesso em 1 out. 2024.

HUTTER, Lucy Maffei. Imigração italiana: aspectos gerais do processo migratório. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 27, p. 59-73, 1987.

JUNIOR, Gladstone Leonel. (org.). **O time do povo mineiro: um olhar para os próximos 100 anos**. Petrópolis: Editora Corner, 2021, 232 p.

LADEIRA, Flávia Toledo. **A criminalização das torcidas organizadas de futebol**. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2783/1/flaviatoledoladeira.pdf>. Acesso em: 6 out. 2024.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas, Unicamp, 2006.

MALAGRINO, Fernando de Andrade Franco. **Gestão das marcas dos clubes de futebol: como o marketing esportivo potencializa o consumo do torcedor**. Dissertação (Mestrado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/1009>. Acesso em: 2 out. 2024.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana. (Orgs.). **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas**. Curitiba: CRV Editora, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. "Para que serve o Futebol?". In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (orgs.). **Futebol e cultura: coletânea de estudos**, São Paulo, Imprensa Oficial, Arquivo do Estado, 1982.

NORMANDO, Tarcisio Serpa. O futebol como objeto de investigação acadêmica. **EFDeportes-Revista Digital-Buenos Aires**, v. 8, 2003.

O TEMPO SPORTS. Livro 'De Palestra a Cruzeiro – Edição Centenário' ganha edição digital. O Tempo Sports, 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/sports/cruzeiro/livro-de-palestra-a-cruzeiro-edicao-centenario-ganha-edicao-digital-1.2754324>. Acesso em 3 out. 2024.

OLIVEIRA, Leônidas José de. (Org.). **Belo Horizonte FC: trajetórias do futebol na capital mineira**. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, Museu Histórico Abílio Barreto, 2014.

PLACAR. Qual é a maior torcida do Brasil em 2024? Veja o que diz nova pesquisa. Placar, 2024. Disponível em: <https://placar.com.br/placar/qual-e-a-maior-torcida-do-pais-em-2024-veja-o-que-diz-nova-pesquisa/>. Acesso em: 6 out. 2024.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol: por uma história política da paixão nacional. **História: Questões & Debates**, v. 57, n. 2, p. 15-43, 2012.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola, as ruas alinhadas e uma poeira infernal**: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). Rio de Janeiro: Drible de Letra, 2018.

ROJO, Luiz Fernando. Simoni Guedes: uma trajetória na antropologia dos esportes. *Revista Antropolítica*, n. 46, p. 272-289, 2019.

ROSA, Lucas Brandão Pereira. *et al.* A Presença Italiana em Minas Gerais a Partir do Século XIX. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, p. 114-130, 2016.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. **Tempo**, v. 19, p. 19-31, 2013.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira; DOS SANTOS, Ricardo Pinto; AGOSTINO, Gilberto. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Mauad Editora Ltda, 2006.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 3 ed. São Paulo: Contexto 2013.

SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da. **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

SIMÕES, Alexandre; ARAÚJO, Guyanne. Em áudio vazado pelo WhatsApp, Bruno Vicintin enaltece torcida celeste e alfineta rivais. Hoje em Dia, 2015. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/esportes/cruzeiro/em-audio-vazado-pelo-whatsapp-bruno-vicintin-enaltece-torcida-celeste-e-alfineta-rivais-1.323356>>. Acesso em: 2 out. 2024.

SOARES, Antonio Jorge; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antonio. **Futebol, imprensa e memória**. Revista Fronteiras-Estudos Midiáticos, v. 6, n. 1, p. 61-78, 2004.

SOUZA, Adriano Lopes de. A hipocrisia do time do povo. **Ludopédio**. São Paulo, v. 79, n. 9, 2016.

SUPERESPORTES. Vicintin explica surgimento do slogan 'time do povo' e comenta irritação rival: "A verdade dói". Superesporte, 2015. Disponível em: <https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2015/11/10/noticia_cruzeiro,323285/vicintin-explica-surgimento-do-slogan-time-do-povo-e-comenta-irritacao-rival-a-verdade-doi.shtml>. Acesso em 2 out. 2024.

VENÂNCIO, Daniel; COUTO, Euclides Freitas. O futebol no Oeste de Minas: os encontros intermunicipais e os sentidos das práticas esportivas em Oliveira (1916-1925). **Maracanan**, n. 21, p. 105-124, 2019.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio:** o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.